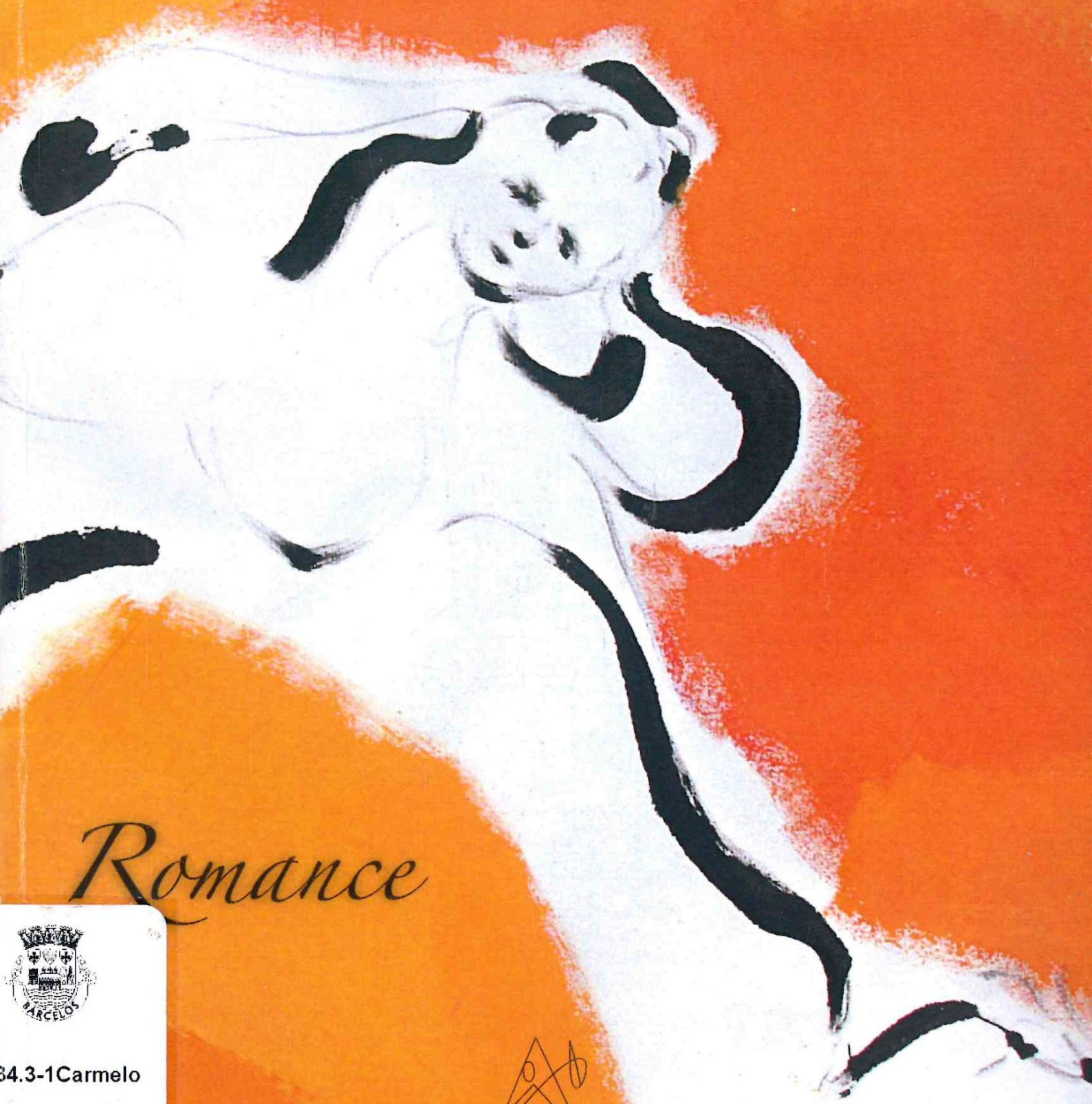


Francisco Carmelo



*Romance*



34.3-1Carmelo











# *Romance*

## **Ficha Técnica**

Título: *Romance*  
Autor: *Francisco Carmelo*  
Capa: *António Cunha*  
Autor de Pinturas: *Artur Durão*

Impressão e acabamento: *Esag, Lda*  
1ª Edição: *Julho 2006*  
Depósito Legal nº: *245289/06*

Com o apoio:  
Câmara Municipal de Barcelos

Reservados todos os direitos



### **Associação Sílaba**

Publicação e divulgação de obras literárias

Lugar do Monte - Carapeços 4750-393 Barcelos  
[www.silaba.org](http://www.silaba.org)  
E-mail: [associacaosilaba@hotmail.com](mailto:associacaosilaba@hotmail.com)  
[mail@silaba.org](mailto:mail@silaba.org)

Francisco Carmelo

# *Romance*

Editora Pessoal  
Poesia 5

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 55953 *Pessoa*

*Barceliana*

22822



A meus Pais e Irmãos









Epígrafe

Contemplo o lago mudo  
Que uma brisa estremece.  
Não sei se penso em tudo  
Ou se tudo me esquece.

Fernando Pessoa

## Romance

As palavras estão cravadas no passado. A vida é impossível sem a dizer. Valem a riqueza dum rosto. Imaginá-lo a afluir. A manhã é um curso de água que desliza nas palavras. As minhas vizinhas. Falam para calar o absurdo. Surgirá mais tarde dos filamentos da eternidade. Vives por instantes esquecida. Em ti o amor o começo do ser. Tocas no vento com o olhar como o caminho é deserto. Inomináveis palavras trocamos os dois um olhar como se abre o sol ao canto dos pássaros. Passar definitivamente a portada da angústia que passou na fraga do teu isolamento. Venho convocar o timbre da inscrição do teu rosto. O fundo da fotografia a convocação da alma.

dá-me um olhar que me salve dum rio  
é tanta a solidão que se esmaga nas palavras  
e desfiguramos quem não nos ama

nascem flores  
e as crianças brincam

Francisco Carmelo

o poema como um revólver  
sobre o amor  
vazar o coração



imaginem ver-me igual  
dividido no amor e como os poetas resgatado no poema

é algo forte como a felicidade do mundo  
ainda nos é exterior

talvez passe a história e nós seremos iguais  
como um espelho fundo que nos reflecte chamo  
amorosamente as imagens que passei connvosco como algo contra a noite  
impossível  
do esquecimento a beleza ficará sempre por eterna.

escoraremos árvores para que o infinito tenha sempre rumo  
nascermos sempre no olhar como acordar com vocês  
miúdas em que a luz é promessa a cruzar o vosso destino com o mar.

regressa à dávida do amor  
e tece o caminho da beleza  
como chama o infinito do sentido

percorri os caminhos mais absurdos  
da solidão sei também a proximidade do mar  
a encontrar-me com os seres

Francisco Carmelo

não quero que me amem  
quero amar uma desconhecida  
e os laços que aprisionam o coração  
adormecem a mente

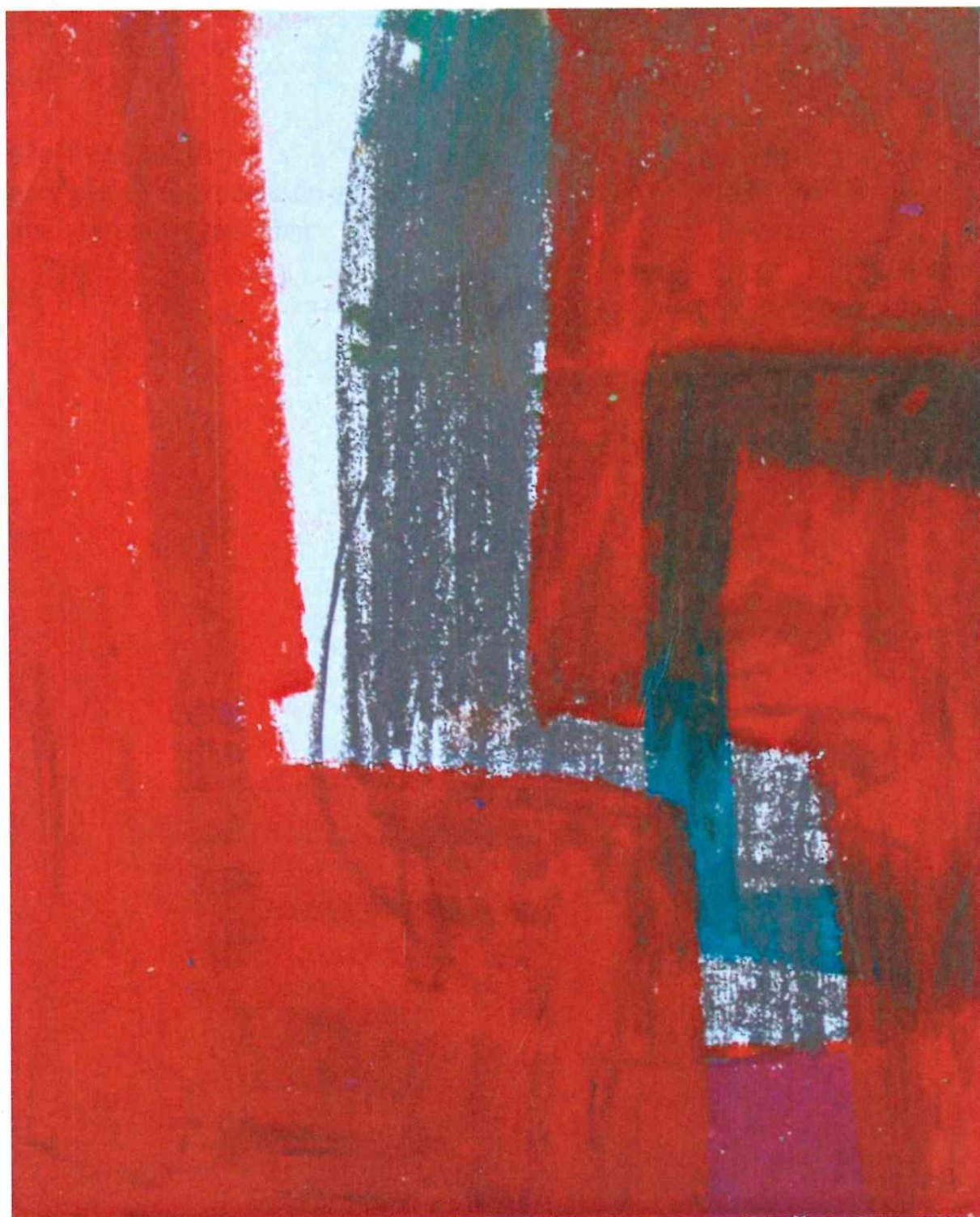


vejo-te duma laranjeira ou dum limoeiro?

a árvore é jovem  
o nosso amor é antiquíssimo  
e reabre a porta à beleza da aparição  
o caminho sob a fonte do teu som  
porque todo o olhar que não é para ti é traição

Francisco Carmelo

tinha caminhado pelas trevas da dor  
e corria hoje pela paz dos passos  
a rejubilar na passagem não trágica da felicidade





pôr flores nas trevas  
para passar à semente do sonho  
que voa para o teu olhar



a meditação exasperada do silêncio  
sufoca nas palavras

a encher o sonho do próprio rosto  
é inapropriável tanto sofrer  
e sobra a crença no amor  
que levou o sentir ao extermínio

a estridência estremunhada do silêncio  
a vida é uma narrativa inenarrável  
que vive no perigo do olhar  
a escoar-se contemplando o rio

mistério ocluso das palavras como te fui tanto amar  
para essa história de sofrimento que foste abandonas-me  
no cais do sentir espero-te  
perfilado entre o horizonte e a minha imperfeição  
e atingirei o sossego da voz



nasceu depois da irmã mais velha  
há anos isso perguntava-se muito e ela era sempre quem vinha a seguir  
via sede no excesso de sentir um rosto ausente na total exigência do  
momento  
mas também parece que nada a distraía  
e sobressaía o rigor da austeridade de quem nunca pela vergonha de si  
própria era

inútil a mistificação triste  
e sem sorriso adivinhava  
o que talhavam as lágrimas era a face melancólica do rigor da justiça

MUNICIPIO DE BARCELONA  
BIBLIOTECA

chegavam excursões das escolas  
crianças correm pela praia a desabrida liberdade  
os rapazes tentam que as bolas cheguem ao céu  
as raparigas bloqueiam em grupo

tanto apetece amar lembro-me  
dos meus passeios ficava só nos bancos com o sentimento tão longe

a cara manchada pelo sofrimento  
o rosto decide-se pelos olhos

que ninguém lhe toque na solidão  
por querer dar ao romance o sentir

sigo exangue o percurso do poema  
toco a vertigem do teu rosto

como nos fechamos quando perdemos um amor  
volto ao sítio do silêncio

como parar a morte na nossa despedida  
o mundo são intervalos incandescentes de luz  
fogachos do sentir

só na contemplação das flores descobriria a essência do amor  
e as palavras que barram a morte

gostava que ficasse entre mim e a poesia o nosso amor  
um olhar toca-nos tanto que é o centro do mundo  
disse-me uma jovem de olhos azuis que fazia poesia

juntos vamos aprender o nome  
a não mais habitar a solidão  
desse nome esconjurar tudo às palavras e aos sorrisos  
até este choro nupcial

era uma personagem estranha que se alimentava dos rostos  
das mulheres só a sua beleza sossegava o seu íntimo

“não vais buscar a morte para nada”

nos olhares fugazes que enchiam o coração  
encontrar o seu mistério no fio da narração era a missão da literatura

corriam dentro de si as vozes das crianças  
a água levava a uma festa onde se distribuía o pão  
pétalas inundavam os seus olhos

avistava-se o fogo  
e lá longe é o momento solene onde a alma se magoava  
de beleza beijávamos desesperadamente a luz do dia  
em quanto ressoava bem alto o som dos Zés Pereiras e o da banda no largo

faz o silêncio significar  
uma alma aberta no teu rosto

tens o princípio do fim  
enamora-te dum amor absoluto  
a crescer entre os outros rostos

vem ficar no silêncio  
o rumor da água  
e é a tua voz que inspiras à humanidade

semente do amor no rodízio do tempo  
fazes falta à vida para a poesia ter companhia  
e trilhar a treva da noite incólume ao desespero  
do sossego do coração ter a ventura ardente

a ponte da morte que nos atravessa  
o mar fica por instantes entre nós dois  
e faz o amor desenhar-se no relevo das mãos



despia o seu corpo à minha frente  
via-se a penumbra das calças no sofregar do olhar nos mamilos  
e o absoluto é tudo o que me lembro desses instantes.

a criação afasta o medo  
chama o coração aberto dos homens

sorrio e o silêncio do mundo é total  
desenhamos uma espécie de música nas palavras  
anda a roca de fiar a amizade  
e perpetua-se o amor que já não é um sonho distante

apertamos por dentro as palavras escolhidas na noite clara sem chuva  
e no rumor dos moinhos a bâtega de água chora por nós

a poesia é o dom absoluto

a dares-te aos passos do amor celebras o mar  
no teu rosto a chuva fala-nos e não voltará a inquietude

animam-me as vozes das crianças  
não fijas com o vento!

o absoluto do amor venceria  
se fosse possível que a música te chamasse

o mundo ficaria iluminado  
como segredas o infinito das pessoas  
nas vozes que apagam a morte

junto na memória pedaços de flores  
vou ao limite da beleza segredar a veemência do amor até à corda frágil da  
literatura

morro aí onde os laços se dão com o silêncio  
a estancar essa morte irremediável

trespasas a luz do sentir  
enquanto te digo um poema  
e choras

vi-te  
pela última luz clamavas a verdade dos teus gestos  
  
perde-se quem dá demasiado aos homens  
o tempo de juntar quem ama  
  
ofereceremos a profundidade do que é nosso  
e nas mãos vazias ficaremos com alguma essência da literatura  
  
partilhas o eterno regresso do silêncio  
e confundimo-nos com as vozes das crianças  
  
fica uma criança de ti  
és também tu que prossegues a vida inacabada  
  
dobraremos o teu nome  
na virtude há um destino branco para ti  
  
o roseiral acolhe a tua alma  
e fecha um segredo por abrir  
  
haverá terra para tanta beleza  
que a noite cala a tua morte  
  
para não consentir mais vitupérios e a imperfeição do mundo  
perdurarão os gestos que semeaste  
  
acolhe sempre quem te dá  
e reagir com amor prende-te ao poço do ser.

buscas os segredos dos deuses  
habitas esperança no teu ser

nas tardes em direcção ao vento  
encontra todo o silêncio do rosto  
e eu fujo em direcção à luz

nascemos para a beleza  
o que damos completa-nos

como ciprestes a torrar ao sol  
olhamos a fragrância da natureza  
suspensos no tronco luminoso da vida

vem do fundo da alma a tua falta  
a secura dos olhares o peso da cabeça  
a irremediável provocação da morte

há doença e o teu rosto  
ilumina o vazio da tua ausência

afasto os lamentos vãos e começa em ti a peregrinação da vida  
e fazes falta ao silêncio e ao esconjuro da morte

resolvi pertencer aos outros e imito o nascer das crianças  
na água transbordante do poema busco a luz que há em ti

afasto-me de toda a dor e vislumbro  
o segredo da madrugada na nascente do poema  
que continuo em universos de flores e crianças

cerro os olhos no cruzamento do mundo com os homens  
e sonho com árvores entre o silêncio  
não chamem por mim antes da poesia

cruz a diáspora do tempo para encontrar o amor  
mas sorrio nos teus olhos contra a cruzada da dor

adivinho a passagem no teu rosto



espero o fragor das madrugadas no penoso embrulhar do tempo  
nos malefícios perversos do afastamento  
dizer-te que ninguém pertence à morte  
e que o amor vai dolorosamente começar

dispo-te sofregamente à procura dum tesouro que há em ti  
na doce melancolia que há nos sentidos  
na amarga separação do sol  
venho do cosmos como uma estrela que ilumina a passagem do amor  
e naufrago na tua espera a mágoa indomável  
de todos os cercos de todos os muros  
de toda a expiação da dor na redenção infinita da união dos homens

cruzo o rosto do destino  
e chove impiedosamente  
a tristeza  
desvanece no grito mais fundo da natureza  
que com ela não ficamos sózinhos

reconheço os passos do silêncio sujo da dívida do amor  
e lê-te no fundo do poema

mulher que te dás contra a chuva  
contra o vento na tempestade impetuosa do sentir  
ouço o carinho da tua amizade

às folhas caídas na disputa da noite teço  
a corda do destino  
inspiro a beleza do olhar  
e estás para lá do segredo do ser  
a não continuar a morte por outros meios







e tudo mora na colheita da paz  
tenho ganho o infinito do silêncio  
a mordada da morte atravessa-se no ar e nós caímos  
nos abismos da beleza dos seres  
passamos à vastidão do sonho

eu só tenho a memória do teu rosto  
ouço o fruir da tua voz  
prendo-me à memória amorosa dos sítios  
e tudo são possibilidades de nascer

o ninho enfeita-se à volta de cada ser que amamos  
e são infinitas as possibilidades dos sentimentos  
e tudo é excessivo no coração como o dom incessante do mar

e do perfume efémero das flores  
havia um silvado ausente  
que nos escondia na intimidade comum do mundo.

as crianças ruidosas não dão paz  
a quem quer o declinar suave do sol  
o pico da solidão é o máximo da criação

as pessoas acabam por narrar o livro que queríamos escrever  
o inverno guarda-se nos calcanhares  
nas frieiras dos dedos  
e as primeiras chuvas quase fazem esquecer o verão  
percorro as esquinas e ruas  
e elas dão o tom épico à minha paz actual

estou entre dois rios e há cidades inteiras a velar pelo meu sorriso  
sou deus e sou crente de todos os outros deuses  
e todas as tardes baptizo a água

e assim daqui e dali não se vê a morte

queria a razão enlouquecida da tua paixão por mim  
e seguem-me como cristo

estremeço nos segredos vastíssimos do mar  
anjos que regressam ao coração do poema

fincam os pés no horizonte e habitam a nudez  
integral e espiritual das mulheres

marca-se a linha do silêncio  
os corpos do mar habitam o rastilho incessante  
dos sorrisos espreita-se a lua alvíssima

as preocupações pelos outros cortam-nos as veias  
a minha mãe vai à missa e eu não  
talvez a esperança seja a mesma

quero dar justiça aos injustiçados  
alimentos aos famintos  
ganhar o amor de todos os pobres  
de quem a vida tem um peso insuportável  
mais que as suas forças  
e merecer a nudez das mulheres  
e a vida fica um prumo direito com a verdade

são corpos habitados pela desmesura do desejo  
as caleiras aparam choros longínquos na razão de hoje  
não há a mortalha do silêncio no ar  
e cai-se fundo na veemência  
do sentir espraiam-se praias e areais na memória

os rios refulgem a cor divina dos seus peixes  
nos olhos sequiosos das raparigas

um ninho de luz preenche o absoluto  
que clareia a ausência das palavras  
elas são sonoras nos sentimentos brancos da paz  
e a felicidade dá-se aí em gritos e em golfadas  
em jogos de sangue que aspiram à união  
mesmo que fortuita com o amor

caminha-se para o centro natural dos corpos  
onde nidifica a paixão omnívora pela outra carne  
e isso é feliz...

são sementes na habitação perene do olhar  
e já não se adoece nem se enlouquece nem se morre  
contra o tempo da soma dos dias perdidos  
no embranquiçado feroz de todas as formas de não viver



é altíssimo ser amado  
abre-se o coração às estrelas  
ouvimos o fio do silêncio  
o círculo da morte é uma mancha que perfura o ar

a lua fica cinzenta sobre os seus lugares  
ouve-se a lenta habitação da luz  
vive-se nos instantes do poema queima-se o avesso da memória

as estrelas do coração entram em nós como a água doce dum rio  
passamos os efeitos do sonho  
segredamos o mais lento olhar

as palavras são para descobrir o teu corpo  
atingir a mina mínima aurífera  
brilhante e amarelada do teu coração

nós caímos no poço do amor  
e é claro e límpido o rio da alegria  
a estação das chuvas promete toda a felicidade  
jasmins crescem agora no quintal  
na erva da infância

Francisco Carmelo

ouve a sinfonia dos seres na noite  
dá passadas vastas para o mar  
desmente o absurdo do viver  
cruza as mãos no infinito  
e atreve toda a coragem.

todas as crianças são nossos filhos  
os jovens são nossa criação  
e apagam os tempos de terror e suplício

tudo mora em frente à luz  
voa-se para o ardor do mar  
e mergulha-se na criação do infinito  
a dar-lhe o melhor futuro

retomar a colheita da voz  
e inundar o espaço do nascer  
evita as vísceras do absurdo

chove prolongadamente sobre o rosto  
tem efeitos no silêncio  
reclama a poalha brilhante da música  
e convive com a experiência do mar

mergulha em abismos sitiados e afasta-te da secura do dizer  
revê-te da pulsão do infinito  
abre-te à promessa do sonho  
tem pesadelos sobre outras mortes

caminha pelo ardor da voz na noite um grito rouco  
contra o medo e contra o sofrimento

ilumina o dizer do amor  
ganha-te aos intervalos da sombra  
a lua não cerca a noite

constata o amor  
e a arte para atravessar a escuridão sem presenças  
toca a vigilância do poema  
pois ele nega toda a imperfeição

crecem na horta da infância  
os sorrisos familiares sobre o amor

tropeça nos abismos obscuros da sombra  
grita pelo sol no dia dos mortos  
tem as entranhas abertas no sofrimento

pulsa o dizer do mar  
e ausenta-se das chamadas do deserto

as árvores da meninice convidam-te a reflectir na viagem  
desde os primeiros passos

o rufar do vento agride a harmonia da escrita  
e experiencia sempre a margem dum sonho.

desvaira-se na luz dos rostos  
e queima a garganta na beleza do seu olhar

adormece as pedras da história  
e desenha o sonho

retira-se do incômodo do viver  
e reabre o efeito da voz

revê-se na promessa do amor  
e toca o sentido do sonho

adormece na poeira da razão  
e cresce para o efeito da luz.



apuro a dádiva pesada do silêncio  
porque nenhum rosto rompe o nevoeiro

são trevas frias onde o amor não alumia  
e eu queria-o no corpo  
que toda a desvastação arrasta os vultos na noite

árvores míticas sinalizam o amor  
e eu queria entrar na vertigem do mar

desorbita-se o tédio no silêncio das palavras  
que estão fartas e cansadas de dizer o amor  
mas repetem-no no crivo oracular do poema

desvaneço no sal das figuras  
nas iluminações velozes da noite

é exacto o caminho da escrita  
e volto a todos os dizeres do lume  
mas as palavras estão frias e cansadas

empenho-me na virtude da voz  
e é gelada a avenida para o poema

é insuportável o peso do sofrimento do mundo  
que se resguarda nos cais dos encontros  
e tem a leveza voraz dos olhares amantes  
que consomem o alcool da noite  
porque se visita pouco a morte neste dia



atreve-te no rosto do amor  
colhe os frutos da viagem oceânica  
chove: o céu é um rio ao contrário  
atravessa velozmente a força do poema  
ouve-se uma ponte para o sonho

é minúsculo o pecado do mundo  
o vento inventa as possibilidades do olhar  
fragas batidas pela chuva a dar-nos ao infinito do sentido

censuro asperamente os meus erros  
como agora ouvem-se da fonte do silêncio  
e molham-se no corpo do amor

quero a narrativa dos segredos do mundo  
que espreito a visão do nascer  
e vêem-se gaivotas na ponte abrigadas da chuva no rio revolto

estouro as mãos na mágoa  
a míngua da felicidade exalta-se  
viram-me a cara viram a cara à tristeza  
que é um animal doce e doméstico que detesto  
e tem os seus limites e o seu âmbito

a minha vida é uma carranca a que me vou afeiçoando  
assim triste grande e mau exulto com a luz  
com a outra felicidade pequena

as ovelhas pastam nessa tarde  
e as estradas estão demasiado atravessadas pela lua  
a escrita guia sem perigo o poeta  
a loucura dispersa-se no quintal  
e ninguém precisa dos favores do rei para a felicidade

não há ponta oculta do dizer  
e a língua é virgem no caminho do amor

não faz frio nem calor  
e o corpo respira as palavras musicais que inspira

a força do mar colhe-se nos seus flancos eróticos  
e mesmo as ausências são presenças

chove miudamente no silêncio  
e aperta-se as mãos aos seres mais longínquos

Pai

tu és uma literatura que não morre  
o amor por ti sempre foi fácil  
por vezes asumia tanto o real que discordava

o teu silêncio mortal mais a tua ausência  
atroa como canhões na memória  
que não posso esquecer e teima em se lembrar  
e se esgota num caixão sem uma viagem  
certa para mim sei isso me reconforta  
já que está junto aos teus garanto-te  
que a qualquer halo de vida acordo-te

sabes que os teus filhos e a tua mãe  
estão esquecidos  
saem por vezes de borco na boca  
mas os teus olhos não estão completamente corroídos em mim

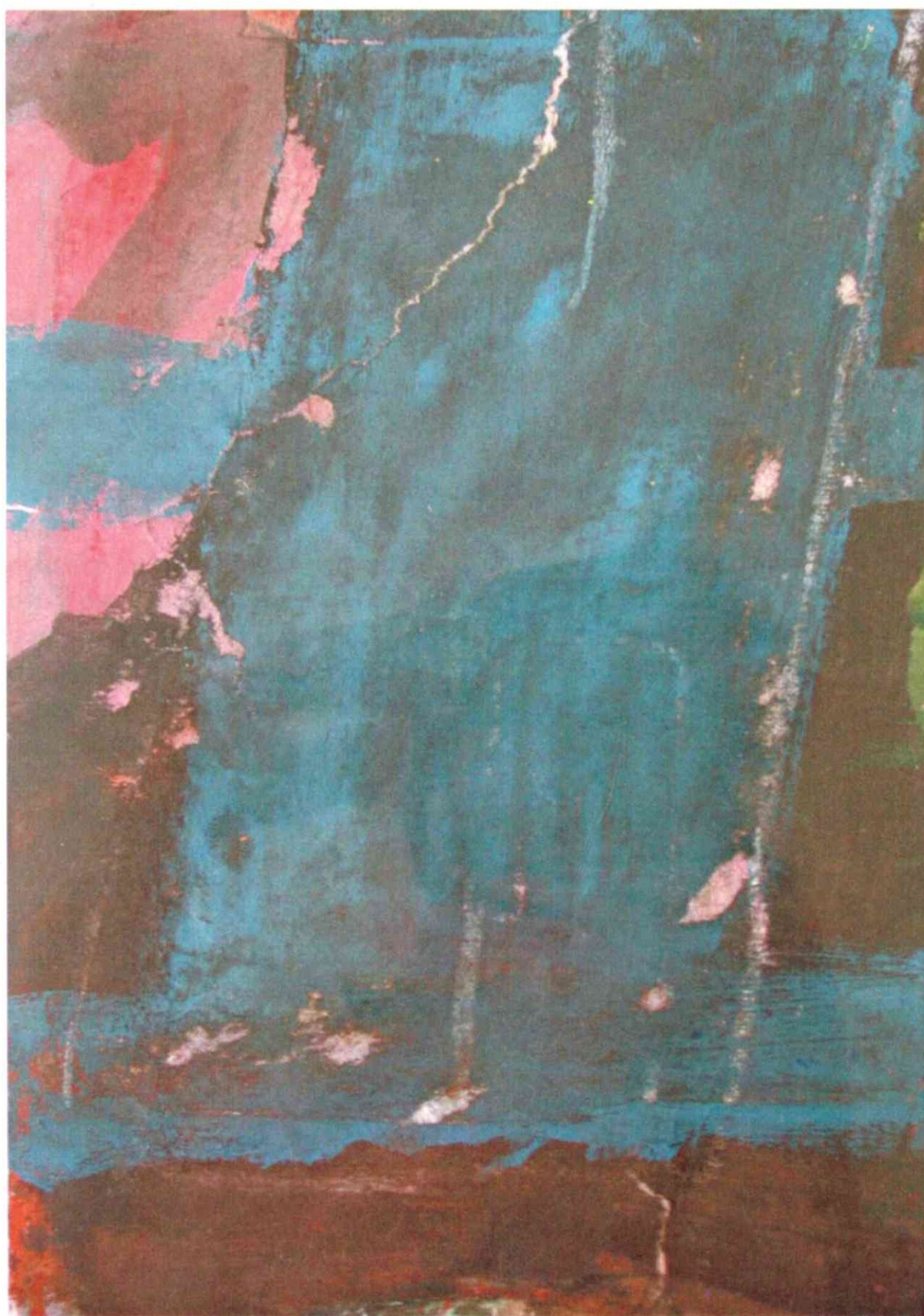
ardósia do silêncio cruza-se no transepto da igreja  
e eu voo sózinho neste beático de canseiras  
nos olhos atentos dos amigos

colho todos os frutos da luz  
e abeiro-me na noite dos pequenos terrores  
da lua da imaginação

prometo não iludir o dia do amor  
estou impresso na imersão da criação das palavras  
do seu nobre casamento  
daquelas que sobem ardentes dos joelhos

é uma energia voraz dos limites dos mares  
dos vulcões que tecem a vida na ardósia falada da escrita  
e a morte é desigual.









os limites do silêncio estavam já esquecidos  
a carne tem toda a dor  
a cabeça é uma fogueira do desespero  
é pecado olhar para tanto espírito e sua solenidade

o deus que acreditei era imenso como o chilreio dos amigos

do céu e da terra respectivamente o tecido do corpo morto do meu pai  
não é por nada mas tem a eternidade  
a razão alumia-me a diferença que contra tão corajosamente lutei  
mas a sua falta já é uma religião  
e sigo os passos do herói em todas  
todinhas as recordações

os olhos morrem a cabeça e apodrecem

há um sentido explícito  
a razão é toda coerente até a minha morte

o vulto a sombra e a luz  
o começo ínfimo do amor

a extasição conseguida das palavras  
lento sofrer pelo olhar  
as vísceras da cegueira

a morte inadiável dos sentimentos  
o corpo todo o silêncio

espreita a toalha do silêncio  
aprende a fonte do amor

avizinha-se a pertença do sonho  
que cria o voo de pássaros do teu rosto

adivinha a fonte da voz  
e regressa à partilha de sentir o amor

cresce para os limites da luz  
que aprendes toda a beleza

adivinha os limites do infinito  
e segreda a visão do mar  
que arde nas possibilidades do silêncio

arde-me amor no espírito  
evoco a voz da beleza  
prendo-me ao mar do amor

significas o sonho da minha vida  
a unir-nos como rosas no canteiro  
e pequena se torna a morte  
que exprime o voo do olhar

abeira-se a fonte da beleza  
rompe no amor

tecemos sonhos para chegar ao mar  
prendemo-nos ao silêncio  
arrastamos o sonho  
a desvanecer-nos na luz

acabo com a palha da escrita  
para enfrentar vertiginosamente o ser  
como regresso à dádiva do teu rosto

dou-me à veemência da beleza  
e arrasto o mar do teu olhar

imprimo fogo no silêncio  
que voa para o teu rosto

distancio-me da morte  
e a vida é hoje um jogo claro  
que premeia o sonho



à beira da luz há uma ponte sobre o silêncio  
fundo no sonho regresso  
ao teu caminho ilumino a voz do amor

estreito o caminho para a dor  
e doando-me ao teu olhar desenho nas tuas pernas o desejo

voo para o teu nome e rejubilo no teu olhar  
a arrancar a morte pelos dedos

de gatas andei para vencer este sonho  
que se cumprirá no zénite do verão  
a respirar o mar em ti

prendo-me aos rostos onde o amor se salienta  
a atravessar lesto o caminho das floreiras

aprendo a violência do silêncio  
porque confio-me à expressão dos afectos.

à Dona Fernanda e a todos

olho na advertência da solidão  
o feérico gosto de ser amado

com a impressão vastíssima dos sentimentos  
mia o gato e canta o galo  
e as palavras acrescentam-se à visão do infinito  
à mercê da luz

todo o poente todo o mar  
a eternidade do teu amor ausente

o destino do sonho amado é ver-te num cais distante  
reduzido às possibilidades da nossa vida  
porque o poema não se conserta

o corpo do poema  
a luz diurna sobre o teu

efeito do silêncio  
a longa maceração das culpas

o estado do mar felino e áspero  
é belíssimo ao longo do sol e da lua

toda a experiência do amor  
apreciação do infinito

o rosto suspenso na dádiva dos gestos  
a visão segredada da tua luz  
a aumentar a velocidade do sonho

narro o mar e o seu encontro  
a prolongar o efeito da luz

a vida na perseguição da beleza  
e da sua narração  
é explicação do sonho

o arco-íris da laranja  
a amarga doçura de te amar longe

a alva o branco do silêncio  
o inferno sufocante dos olhos

a expressão do amor  
a paisagem da luz

os limites do poema  
a visão da simplicidade da vida  
esse sonho que não morre

o corpo sufocado na doença  
o peso de existir

a trama do descender  
o gosto do amor  
erguer a chama da luz



tomas o infinito nas mãos  
que luta com o teu inquieto rosto  
e ele é já um retrato amarelecido a um canto

sorves o silêncio fantasmal  
despindo o corpo por um amor partido  
a mulher é um portal por fechar

incomodam-me os olhos vermelhíssimos  
do teu chorar  
que a vida pode correr contra o poema

primavera adormecida meia mortiça  
a redenção da vida

muda a seca a secura das palavras  
o dizer excessivo do coração na regra da razão

essa é a arte poética  
sempre a promessa do absoluto no estio feroz da vida  
que era já ter medo da luz

o meu vício é a ternura atónita da contemplação  
e tu és o vício de cabeceira há tempos imemoriais

o deserto esconde-se no olhar  
e morre-se na velocidade das palavras

habita-se o espírito do silêncio  
e pouca música entra em nós

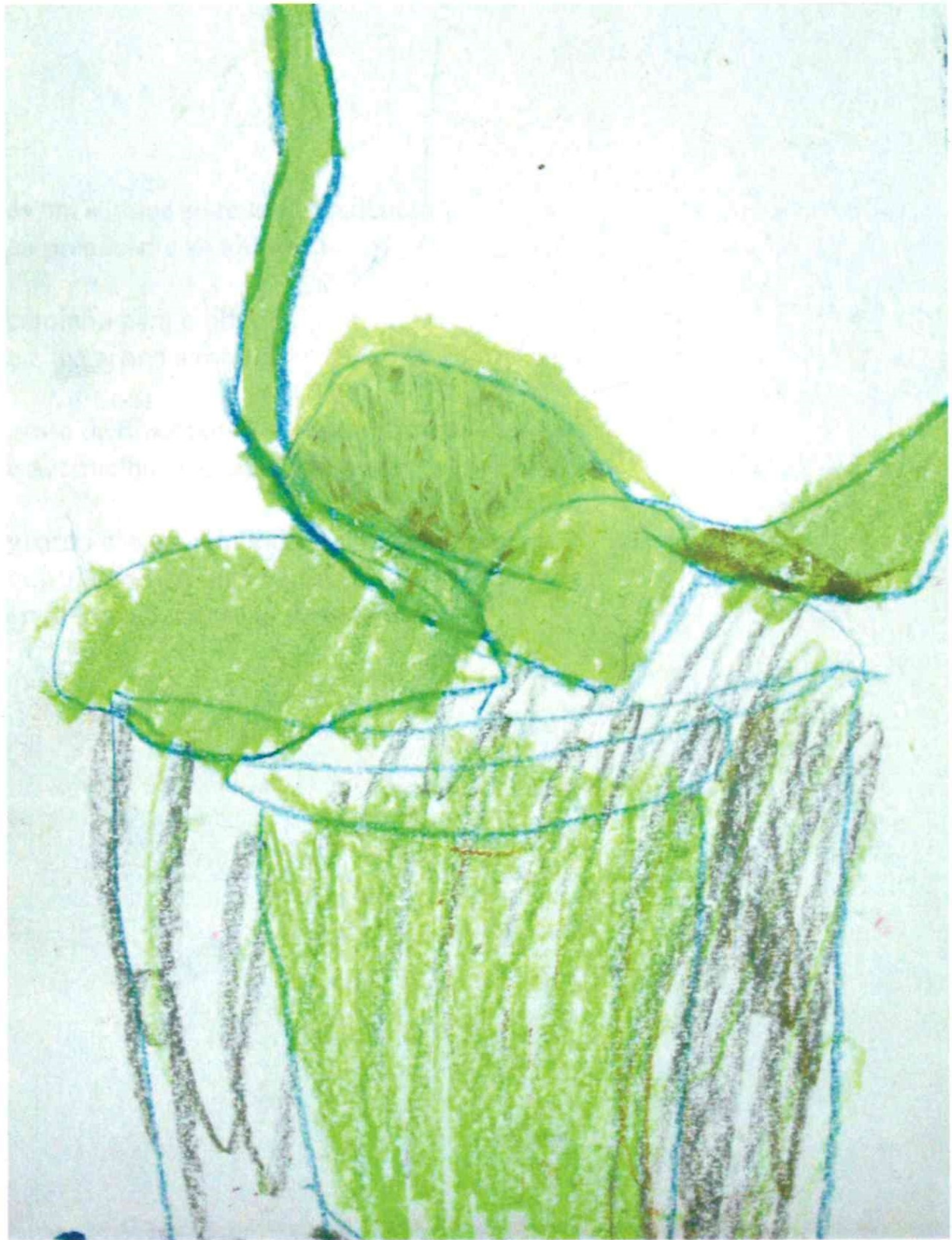
têm passos nos segredos os seres  
espreita-se a fundura do deserto e há uma cal de dor na língua  
e atravesso todas as possibilidades dos nomes

deles que nomeiam o ardor da luz  
ouço o efeito do sentir  
para subir degraus e degraus contra o esquecimento dos seres  
da luz nupcial da alegria dos dias  
o sol excessivo desfaz a razão contra os muros  
e o corpo verga-se sobre o destino

a tristeza senta-se sózinha na soleira das escadas  
e projectam-se viagens contra o mal das paixões  
porque o teu rosto relampeja branquíssimo na cal dos muros da casa

há um poente no seu olhar  
como um ninho desenha-se na pedra  
um brasão numa igreja o coro feliz das palavras  
a lavrar o cinzento dum rosto como a fugir à aspereza longínqua do sentir  
e tratar do próprio olhar como da vastidão do mar.









és um ser que se revela no silêncio  
eu prendo-me ao teu rosto

caminho para o olhar  
e a lua apaga a morte

gosto de dizer coisas que nunca disse  
e avermelha-se o sonho de sentir

guardo ciosamente todas as imagens de ti  
que o paraíso é uma textura do sol  
onde traço a coroação da recordação

Francisco Carmelo

és como um lago  
onde a corrente  
se afasta para o silêncio

corro como a electricidade  
atrás dela  
e já te afogaste que chega

as chispas da lua arredondam o mar  
e tece-se a viagem do poema

avulta o fogo do olhar  
que medeia entre a sombra da noite  
e a claridade do dia

conhece o fogo do amor  
nos seus vestígios de vento  
e adivinha-se a margem do sentir

desvanece-se a obsessão do próximo  
na contemplação serena das coisas e dos seres

divirjo pelo mar do teu olhar  
a concentrar forças na lua do pensamento

eu amava-te e era ignorante  
guarda as chaves do segredo do encantamento  
força a entrada no silêncio  
e prolonga-te no sonho do sentir  
a despedir-me no teu olhar

busco pretextos  
para naufragar na tua recordação  
a desfazer-me no teu olhar

prendo-me á verticalidade dos gestos  
porque amo-te desconhecida por desfiares amor na cortina da tarde  
onde desvendas o mar do rosto  
e eu ligo-me à dávida de te sonhar  
se exprimo o fogo aberto na saudade  
que crias luz no teu caminho

vieste na invenção do sonho que guardas junto a mim  
como pode tocar-nos tanto uma mulher



recolhe a corola da alfazema  
desvia-te para o mar a alfombra do silêncio toca  
a exigir a luz da beleza

Francisco Carmelo

só o amor desfaz  
o luto da vida  
no inverno encharcado da solidão

somos vulcão contra vulcão  
umas vezes paro eu outras vezes tu

se rebentassem foguetes no teu rosto eu não me admirava  
por ele sei a transparência  
de um rio prolongas a vida

saí do esconderijo onde só havia a solidão  
e os miasmas sussurrantes da morte

és um pássaro do norte  
se trazes o verão por dentro

de amar sobre todos os olhares  
recolho-me no mínimo rosto  
e traço felino o papel sobre o poema

se vou para a luz do olhar  
a natureza tem algo de repetido

pressinto tristeza a mais no teu rosto  
e devoras o deserto nos teus gestos

o teu corpo são dunas que quero pernoitar  
contra os cardos mansos invernosos da solidão

queria diminuir a morte dos teus dedos  
para afastar a polpa doce da nostalgia  
e seres presença irradiante mulher luminosa

queria demorar-me no segredo do teu ventre  
e todo o teu corpo como geografia do absoluto  
promontório de Afrodite a tocar com os dedos  
o leite quente das ovelhas e ser pasto vigilante dos teus anseios

não estreitar a beleza  
se conjugar-me com o teu amor irradiante  
é abrir as maçãs demoradas do teu rosto à vermelhidão do poente



aproxima-te da fonte do sonho  
sete espigueiros esperam a noite por nós

cada dia joeiramos o milho  
e ficamos com a semente para o ano

a eira dá sinais de verão  
como as azeitonas guardam-se em segredo  
e o vinho corre na adega  
para o pão se estender nas mesas

o mato foi cortado de manhã  
as escadas estão nas macieiras  
as medas sobem junto aos castanheiros  
a água corre lesta sobre os campos  
arranca-se o pondão e o feijão

este ano as vinhas vão render dezassete hls de água ardente no alambique  
e sabe a frutos o teu amor

caminho sobre a sombra benéfica das ramadas  
o passado é hoje uma quinta com os frutos que me ofereces  
a saber à tua boca são e frescos

aprende a chamada do amor  
ouve o trinar dos pássaros o poente  
desce a vertigem do verão

queria uma escrita ensolarada que desse a mão ao teu olhar  
de desconhecida que ama o que vê  
como uma ponte que atravessa a noite  
e faz tréguas no coração  
mesmo no deserto das palavras

o minho é uma floresta equatorial vicejante no verde dos teus olhos  
na frescura colorida do mar à tua porta

estou leve  
sou como um bogalho  
em tua direcção

Francisco Carmelo

define-se  
pelo princípio do prazer  
joga o corpo nisso

percorri os caminhos  
mais absurdos da solidão  
e sei da proximidade do mar  
para com ele encontrar-me nos seres

volto à fonte do poema a nascer o dentro da margem  
dum rio aspiro profundamente à visão do rio Lima

ter segredos escondidos para dar na tua demorada aparição  
guardo ciosamente o sabor das flores pétala a pétala

sem ti a vida fica uma luta escura que a tua recordação ilumina  
na mais sábia experiência

como pode custar tanto um afastamento  
de que se sobrevive na esperança luminosa do teu olhar  
gostava de namorar contigo à beira rio  
num bosque formoso ou na areia simples de diamante de outono

o terror dos dias alisa-se no teu rosto  
e atravesso fráguas e montanhas para chegar à água de te tocar  
mão na mão no coração transbordante de silêncio oferente dos beijos  
dos pássaros







morre-me a história  
nas mãos queimam-se de silêncio as palavras  
se ouves o dizer do sonho

as personagens infiltram-se na vida do quotidiano  
pobres colhes frutos na leitura  
que a escrita segreda sem saber  
mas o poema o nosso amor é o sítio onde unes tudo por graça

queria arrancar a morte das palavras  
e secá-las ao sol do silêncio  
para conquistá-las com a harmonia de te beijar

é do abismo da morte que se vê melhor  
que o amor  
queima os lábios

na música de cotovia  
ouve-se o estranhamento do infinito  
e uma luzerna do nosso encontro ilumina o meu espírito  
faz poeira na alma

acredita no mar o amor fulmina-nos até ao absurdo da manhã  
e a solidão devora-nos até ao silêncio

a música ensina-nos do virtuosismo  
o silêncio  
a falar-se menos sente-se mais



olhos de azeitona revelam o segredo do amor  
fixam por instantes a eternidade

não sabemos o mistério de tanta fulguração  
e ficamos parados na contemplação de um desejo que nos ultrapassa

a beleza dos outros nos rodeia  
para construirmos um ninho de que só há um meio de sair

toda a roupa era excesso  
porque misturavamos as nossas peles no coração do oiro

vivo incessantemente a tensão do poema  
que me arrebatou o segredo do teu rosto

encontro-me no mar do olhar  
que são passos em direcção a ti.

tenho ganho milhas ao silêncio  
num só um gesto tão corajoso que as flores não abandonaram

são momentos que as paixões dão na exaltação da música  
onde tudo sussurra uma paz essencial  
e um cheiro numa voz primordial do infinito  
cessa o tráfico material dos corpos

vê-se o cemitério ao longe como uma morte sem mordaza  
como remate de vidas cumpridas

num labor de trabalho da alma  
da arte abri a mensagem do poema ao rosto certo:  
ela não sabe de nada  
mas entende este vozeirão de luz

era um homem sacrificial  
só buscava o amor nas últimas circunstâncias  
e ouvia-se lesto o fruto do sentir

prendia-se à dádiva da música  
a segredar o infinito  
e dói-me tanto perder uma mãe do nosso mundo

Londres viceja em mim como uma rosa  
primordial que levanta o mar no meu rosto

há cidades que estão no céu como uma cúpula  
a arder veementemente na beleza  
que atravessa ruas e praças em mim

há canteiros nas janelas  
a levantar o Tamisa no infinito  
e pontes dentro de mim para a felicidade  
amordaçam a dor no infinito do que se vê

galerias de museus quadros pintores queridos  
atravessam as recordações  
e dão ao olhar o melhor dos mundos

os muros da infância do quintal a que se regressa  
cercam-nos no sussurro da paz  
e ninguém vai sofrer daqui por diante

há um metro de felicidade que se conquista ao absurdo  
e permanecem dúvidas essenciais  
mas a miséria da vida todo o seu heroísmo  
tem agora o suporte dum sorriso mais duradouro

quantos homens teriam passado por aquele banco de barbeiro  
se o metal brilhava  
e a napa coçava  
antiga em tantos sentimentos parecidos com os meus?

não se devia juntar o céu  
e inferno o homem paga demasiado

sabe que a felicidade  
espera um filho  
e diz agora que não quer namorar



regresso com a nostalgia à infância  
aos sítios que me amaram

a felicidade já não vale um tostão furado  
e é infinito desejar amar a cor mais pura deste rio num olhar inimitável

esperas sempre por palavras  
que contarão esta historia

uma mulher morreu contra a sua sorte  
que via para lá do seu rosto  
e tinha amarelecido na sua expressão  
seres de bronze numa memória trágica

## Índice

11 .....	Epígrafe
12 .....	Romance
13 .....	dá-me um olhar
14 .....	o poema como um revolver
15 .....	imagem ver-me igual
16 .....	regressa à dívida do amor
17 .....	percorri os caminhos mais absurdos
18 .....	não quero que me amem
19 .....	vejo-te duma laranjeira
20 .....	tinha caminhado pelas trevas da dor
23 .....	pôr flores nas trevas
24 .....	a meditação exasperada do silêncio
25 .....	a estridência estremunhada do silêncio
26 .....	mistério ocluso das palavras
27 .....	nasceu depois da irmã mais velha
28 .....	chegavam excursões das escolas
29 .....	a cara manchada pelo sofrimento
30 .....	sigo exangue o percurso do poema
31 .....	era uma personagem estranha
32 .....	faz o silêncio significar

- 33 ..... vem ficar no silêncio  
34 ..... despia o seu corpo à minha frente  
35 ..... a criação afasta o medo  
36 ..... a poesia é o dom absoluto  
37 ..... junto na memória pedaços de flores  
38 ..... vi-te  
39 ..... buscas os segredos dos deuses  
40 ..... vem do fundo da alma  
42 ..... cruzo o rosto do destino  
45 ..... e tudo mora na colheita da paz  
46 ..... as crianças ruidosas não dão paz  
47 ..... queria a razão enlouquecida  
48 ..... são corpos habitados  
49 ..... é altíssimo ser amado  
50 ..... ouve a sinfonia dos seres na noite  
51 ..... todas as crianças são nossos filhos  
52 ..... retomar a colheita da voz  
54 ..... desvaira-se na luz dos rostos  
55 ..... apuro a dádiva pesada do silêncio  
56 ..... atreve-te no rosto do amor  
57 ..... estouro as mãos na mágoa  
58 ..... as ovelhas pastam nessa tarde  
59 ..... Pai  
60 ..... ardósia do silêncio  
63 ..... os limites do silêncio  
64 ..... o vulto a sombra e a luz  
65 ..... espreita a toalha do silêncio  
66 ..... arde-me amor no espírito  
67 ..... abeira-se a fonte da beleza  
68 ..... acabo com a palha da escrita  
69 ..... dou-me à veemência da beleza  
70 ..... à beira da luz  
71 ..... voo para o teu nome  
72 ..... prendo-me aos rostos  
73 ..... olho na advertência da solidão  
74 ..... o corpo do poema  
75 ..... narro o mar e o seu encontro



76 ..... a alva o branco do silêncio  
77 ..... tomas o infinito nas mãos  
78 ..... primavera adormecida  
79 ..... o deserto esconde-se no olhar  
80 ..... há um poente no seu olhar  
83 ..... és um ser que se revela no silêncio  
84 ..... és como um lago  
85 ..... corro como a electricidade  
86 ..... as chispas da lua arredondam o mar  
87 ..... busco pretextos  
88 ..... vieste na invenção do sonho  
89 ..... recolhe a corola da alfazema  
90 ..... só o amor desfaz  
91 ..... somos vulcão contra vulcão  
92 ..... de amar sobre todos os olhares  
93 ..... pressinto tristeza a mais no teu rosto  
94 ..... não estreitar a beleza  
95 ..... aproxima-te da fonte do sonho  
96 ..... aprende a chamada do amor  
97 ..... estou leve  
98 ..... define-se  
99 ..... percorri os caminhos  
100 ..... volto à fonte do poema  
103 ..... morre-me a história  
104 ..... queria arrancar a morte das palavras  
105 ..... é do abismo da morte  
106 ..... na música de cotovia  
107 ..... a música ensina-nos do virtuosismo  
108 ..... olhos de azeitona  
109 ..... vivo incessantemente  
110 ..... tenho ganho milhas ao silêncio  
111 ..... era um homem sacrificial  
112 ..... Londres viceja em mim  
113 ..... quantos homens teriam passado  
114 ..... não se devia juntar o céu  
115 ..... regresso com a nostalgia à infância  
116 ..... esperas sempre por palavras









biblioteca  
municipal  
barcelos



55953

Romance